ESPAÇO DO POVO

ACESSE AGORA O NOSSO SITE

Janeiro 2023 | Edição 90 | Ano 16 | Distribuição Gratuita

Ano novo, problema velho !

Córrego Antonico, em Paraisópolis, continua sem canalização

Página 6

ECONOMIA

Grajaú é o distrito mais empreendedor da cidade de São Paulo

Cerca de 3% de microempreendedores ativos estão na periferia mais populosa da cidade

Página 12

NOTAS

Despedida do Rei do futebol: Pelé morre aos 82 anos em São Paulo

Página 4

POLÍTICA

Luiz Inácio Lula da Silva assume a Presidência da República pela terceira vez

Página 10

Ano Novo, problemas velhos!

Por Joildo Santos

Chegamos a 2023 cheios de esperanças, porém, trazendo na bagagem dilemas e problemas do ano anterior. Alguns deles já são velhos conhecidos como a falta de infraestrutura e saneamento básico pelas ruas da favela, como é o caso do Córrego Antonico, em Paraisópolis (SP), que há mais de 20 anos tem feito famílias sofrerem, perdendo tudo que tem, inclusive a fé nas constantes promessas de canalização do córrego que mais parece uma história sem fim. O Antonico já testemunhou em suas águas diversas mortes por infecções, desabamentos e tantas outras tragédias descritas pelos moradores da região, como contamos em nossa reportagem.

Para amenizar as mazelas vividas na segunda maior favela de São Paulo, ouvimos muitos relatos de pessoas que ao chegarem nesse território tão vulnerável, encontram um lar, uma comunidade solidária, relatos que servem como um unguento nas feridas expostas pela falta de assistência que não encontramos apenas aqui, mas se repetem em outras regiões faveladas espalhadas pelo país.

Apesar dos desafios que assombram quem mora nas regiões periféricas, temos motivos para acreditar em um futuro mais próspero. E esse futuro virá de nós mesmos, exemplo disso é a reportagem onde falamos sobre os novos empreendedores que surgem a cada dia, como acontece no Grajaú, periferia mais populosa de São Paulo, que segundo o Mapa da Desigualdade de 2022 é o distrito que mais possui empreendedores na capital paulista.

Mas não é só de dor que respira as periferias e favelas do Brasil. Nessa edição, aproveitamos os dados divulgados pelo Instituto Favela Diz, que identificou que mais de 50% da população das duas maiores favelas de São Paulo está solteira, para refletir sobre o uso dos aplicativos de relacionamento, uma alternativa tecnológica para quem busca um amor. Falamos sobre os apps mais usados e também demos algumas dicas importantes para evitar golpes.

Boa leitura!

Joildo Santos
Fundador do jornal Espaço do Povo e CEO do Grupo Cria Brasil.

EXPEDIENTE

Espaço do Povo é uma publicação do Grupo Cria Brasil.

CEO Grupo Cria Brasil
Jornalista Responsável
Joildo Santos
joildosantos@paraisopolis.org
MTB 67099 SP

Diretora Cria Brasil
Francisca Rodrigues
francisca.rodrigues@agenciacriabrasil. com.br

Editora-chefe do Jornal Espaço do Povo
Gisele Alexandre
gisele.alexandre@agenciacriabrasil.com.br
MTB 60305 SP

Redação
Aline Almeida
aline.almeida@agenciacriabrasil. com.br

Talytha Cardoso
talytha.cardoso@agenciacriabrasil.com.br

Fotografia
André Silva
Luis Maike
Anderson Jorge

Editoração
Caroline Martins
caroline.martins@agenciacriabrasil.com.br

Camila Martins
camila.martins@agenciacriabrasil.com.br

Publicidade
(11) 977234537
(11) 952117476

Acompanhe nossas redes sociais

Cria Brasil
Instagram: @criabrasilcomunicacao
Facebook: Agência Cria Brasil

Espaço do Povo
Instagram: @espacodopovo
Facebook: Jornal Espaço do Povo
Site: www.espacodopovo.com.br

COMUNICAÇÃO

Se comunicar com a favela é uma tarefa fácil, basta querer!

Por Francisca Rodrigues

Crédito: Luis Maike/Cria Brasil

Diálogos são importantes para manter a relação. Quando você não expressa o que sente, não se comunica usando a linguagem apropriada, fica difícil entender a mensagem. Com a favela é a mesma coisa! Eu costumo dizer que se alguém deseja falar com o público C,D e E é preciso entender como essas pessoas se comunicam. Se a intenção for falar com moradores de favela e bairros periféricos, tem que ser da maneira deles e é importante entender das "manhas". Temos uma linguagem própria e, não estou falando de gíria ou dialeto, mas, sim, de uma forma correta de nos representar. E isso, é sim, importante. O padrão utilizado nas propagandas e nas novelas, não traduz a favela e consequentemente, não se comunica conosco.

A periferia tem um potencial econômico gigantesco, se fossem uma empresa seriam a quarta maior do país. Pensando dessa forma, fica claro o porquê das marcas buscarem alcançar essa parte da população. Quando falamos em aproximação, elas se esforçam, buscam falar a nossa língua, entender o que estamos fazendo, vestindo e como estamos vivendo. Por um lado, isso é bastante positivo, pois existe um esforço em quebrar estereótipos de uma favela marginal, pobre e carente. Aliás, temos até um manual sobre termos que não devem ser utilizados para falar sobre a gente. Os termos "carente" e "marginal", por exemplo, que são bastante utilizados e reforçados pela imprensa e mídia, é um deles. E como diz o presidente do G10 Favelas, Gilson Rodrigues, "Nós não somos marginais! Nós somos marginalizados."

Esta preocupação em mostrar uma favela real e comunicar assuntos de interesse da comunidade foi o que motivou Joildo Santos, jornalista e fundador do grupo Cria Brasil, a criar o Espaço do Povo, há 15 anos, um jornal de território que mostrava a Paraisópolis que a mídia tradicional não conhecia. No início, essa comunicação era feita apenas dentro da favela. Contudo, alguns anos depois desse "start", nascia uma agência de comunicação dentro de Paraisópolis com objetivo de quebrar o estereótipo de uma favela violenta e perigosa e mostrar ao mundo a potência das favelas. Um relacionamento com a imprensa foi criado e Paraisópolis virou notícia para todo tipo de assunto. Os moradores recebiam a imprensa e articulavam as matérias de forma a mostrar o lado que a mídia tradicional não mostrava, de uma comunidade organizada em busca de desenvolvimento e melhorias na educação, esporte, cultura e fortalecimento dos empreendedores.

O serviço de assessoria de imprensa aconteceu de forma despretensiosa, nós apenas queríamos mostrar a favela real. Os jornalistas que chegavam aqui em busca de mostrar mais do mesmo, eram surpreendidos e pautados de forma a levar ao mundo a mensagem da favela potente, cheia de sonhos e vontades, humanizada, porque não queríamos fortalecer aquela imagem que estávamos acostumados a ver na TV. Queríamos mostrar o balé, a orquestra, os artistas e os movimentos sociais de Paraisópolis.

Em 2020, a agência passou a conversar com as marcas que queriam se comunicar com essa parcela da população, por conta disso, foram feitas parcerias com grandes empresas. O grupo Cria Brasil juntamente com o G10 Favelas, segue fazendo esse trabalho de comunicação em busca de alcançar e promover o diálogo de forma clara e objetiva com as manhas da favela e representatividade.

Francisca Rodrigues
É jornalista, produtora cultural, diretora de comunicação da agência Cria Brasil.

Despedida do Rei do futebol: Pelé morre aos 82 anos em São Paulo

Edson Arantes do Nascimento, conhecido como Pelé e considerado o Rei do futebol, morreu em dezembro de 2022 em decorrência da falência de múltiplos órgãos, resultado da progressão do câncer de cólon.

Pelé estava internado no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, para uma reavaliação do tratamento de quimioterapia, porém, médicos afirmaram que o ex-jogador não estava respondendo ao tratamento e veio a óbito às 15h27 do dia 29 de dezembro de 2022.

O velório do Rei do futebol aconteceu em Santos (SP), no Estádio Urbano Caldeira, mais conhecido como Vila Belmiro, local que foi sua casa durante 18 anos, durante o tempo que jogou no Santos Futebol Clube. A cerimônia durou 24 horas e foi aberta ao público, após o encerramento o corpo de Pelé saiu em cortejo pela cidade.

As ruas e a orla da praia estavam completamente cheias de fãs que acompanhavam a passagem do caminhão do Corpo de Bombeiros com o caixão do ex-jogador. Moradores jogaram rosas para o rei do futebol de suas janelas e sacadas, além de torcedores que cantaram o hino oficial do Santos e gritos das torcidas organizadas.

O cortejo foi realizado por algumas ruas de Santos, entre elas a Avenida Coronel Joaquim Montenegro, conhecida como Canal 6, onde vive a mãe de Pelé, Celeste Arantes, que completou 100 anos em 2022. O caixão se encaminhou para o local do sepultamento, no Memorial Necrópole Ecumênia, no bairro Marapé, próximo à Vila Belmiro, sendo reservado apenas para familiares.

Segundo a Prefeitura de Santos, cerca de 230 mil pessoas estiveram presentes para dar adeus ao Rei do futebol durante o velório. Pelé deixa esposa, seis filhos e oito netos.

Crédito: Placar.

COMUNICAÇÃO

Educação Midiática

Crédito: Instituto Palavra Aberta.

Por Judith Brito

Antes do surgimento da internet, era relativamente restrito o número de produtores e disseminadores de notícias e informações (principalmente os jornais e emissoras de rádio e TV aberta). Veículos sérios (inclusive na internet) selecionavam e selecionam os conteúdos divulgados, já que são responsáveis pelo que produzem e tornam público.

Nas empresas onde trabalho há décadas (pertencentes ao Grupo Folha e ao Grupo UOL), entre os princípios editoriais está o dever de confirmar a veracidade das notícias apresentadas em matérias ou em editoriais (que expõem a posição dos veículos sobre assuntos de interesse geral). Há também espaços para colunistas externos, cada um expressando suas próprias visões (não necessariamente as da Folha de S. Paulo e do UOL), muitas vezes divergentes entre si, como convém a mídias democráticas. Tudo isso com responsabilidade, obviamente. Por isso, jornalismo sério custa caro: muitas vezes assuntos investigados por meses não são publicados se não passarem pelos critérios internos (para a divulgação, não bastam evidências pálidas; são necessárias provas fortes).

As redes sociais digitais ampliaram muito positivamente a comunicação: de repente, cada um passou a poder produzir informações, opinar, transmitir e interagir diretamente com milhares ou milhões de pessoas. Mas há um lado perverso nesse movimento: nem todos tiveram tempo ou aprendizados para usar esses novos meios com reponsabilidade e consciência. Daí os problemas que temos visto no mundo e também no Brasil: a criação e compartilhamento massivo de fake news, "cancelamentos" de pessoas nas redes sociais (por suas ideias), discursos de ódio e manifestações racistas etc. Além dos danos pessoais, essas práticas de criação e disseminação de notícias falsas e de sentimentos de ódio podem corroer o próprio regime democrático, como temos presenciado (pondo em risco até o modelo mais icônico de democracia, a norte-americana).

A Finlândia é um exemplo a ser seguido: em 2016 implementou no currículo escolar, desde a pré-escola, a educação midiática, para que os alunos aprendam a usar a internet com responsabilidade, principalmente na criação e disseminação de conteúdo. Educados a ter visão crítica para questionar o que recebem pela web, os finlandeses podem avaliar diferentes pontos de vista e tomar decisões com maior consciência. Resultado: são considerados internacionalmente como os que menos acreditam em boatos e mentiras veiculados em plataformas digitais.

No Brasil, temos o Instituto Palavra Aberta, entidade sem fins lucrativos fundada em 2010 (do qual tenho a honra de ser conselheira), que defende a liberdade de expressão e de informação, mantendo-se alerta também quanto ao mau uso dessa liberdade (como às vezes vemos no âmbito das disputas ideológicas). Uma das prioridades do Palavra Aberta é a educação midiática, ou seja, o ensino do bom uso das mídias sociais. A pergunta é: como preparar as crianças e os jovens para o uso dos meios de comunicação com senso crítico, tolerância e responsabilidade?

Em 2019 o Palavra Aberta criou o EducaMídia – Programa de Educação Midiática, para difundir o tema no Brasil e oferecer ferramentas para que crianças e jovens aprendam a consumir informação de forma segura e responsável. O público-alvo são professores e educadores do Ensino Fundamental, com programa alinhado à Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Todos os cursos e materiais são gratuitos. O EducaMídia tem abrangência nacional e já formou mais de 52 mil professores, com impacto sobre milhões de alunos.

Ser educado midiaticamente significa aprender a filtrar, ler criticamente e dar sentido ao enorme fluxo de informações que nos cerca. Significa desenvolver nossa voz, promovendo as habilidades necessárias para que possamos nos expressar em diversas linguagens, aprendendo e atuando em nossas comunidades. Significa também aprender a utilizar a tecnologia para participar da sociedade de forma ética, promovendo a empatia, reconhecendo e respeitando a diversidade de vozes e combatendo o discurso de ódio e a intolerância.

Dentro do projeto há também o EducaMídia 60+, voltado ao público maduro. Pesquisas mostram que esse contingente, com menor habilidade nos meandros do mundo digital, é mais propenso a se deixar enganar por golpes cibernéticos e por fake news, propagando-os. Para essa faixa etária foram criados materiais e vídeos específicos.

A educação midiática é o caminho para que o Brasil mude seu status no ranking dos países onde as pessoas mais acreditam em fake news. Uma boa notícia, divulgada em 1º. de janeiro de 2023, foi a criação da Secretaria Especial de Políticas Digitais e de Educação Midiática, vinculada à SECOM (Secretaria de Comunicação Social, do governo federal).

Na cacofonia da internet, com tantos desafios gerados pela desinformação e pelo uso incorreto das redes sociais, iniciativas como essa são uma luz, e merecem nosso apoio. Para conhecer melhor o Instituto Palavra Aberta, acesse: https://www.palavraaberta.org.br/

Judith Brito
É mãe, avó e executiva do Grupo Folha e do Grupo UOL.

COMUNICAÇÃO E DIVERSIDADE

Visível ou invisível?

Por Marcello Barcelos

Crédito: Marcello Barcelos

Há algumas, muitas décadas, tempo demais, vivemos no mundo do junta. Juntando coisas, juntando seguidores, juntando casas, carros, curtidas, juntando dinheiro. E devagarinho esse estilo de vida foi tornando esse mundo indiferente ao que acontece na vida real, nas esquinas, nas comunidades, fora do nosso campo de visão. Quanto mais tentamos nos tornar visiveis, postando tantas vitórias, compartilhando tanto sucesso, buscando likes, comentários e reconhecimento pra tudo aquilo que a gente junta, mais vamos tornando invisiveis um monte de coisas importantes à nossa volta.

Pessoas, problemas, dificuldades, situações que poderiam ser facilmente resolvidas se estivessemos alertas, acordados, prestando atenção. Afinal, qual é o real valor de acumular tanta experiência, referência, contatos, relacionamentos, informação, se não for pra transformar isso em algo positivo, que faça o mundo andar pra frente e ficar algo melhor?

A proposta é sair um pouco do "modo junta" e mudar a chavinha para o "modo espalha". Porque como disse o outro, no final das contas, não somos o que a gente junta, somos o que a gente espalha. Somos o que ensinamos, o que compartilhamos (pra além de posts e stories), o que dividimos, passamos pra frente, distribuimos, fazemos chegar.

Sim, fazer chegar a outros o que criamos, produzimos, sabemos e conquistamos também é um modo de alcançar. Como? Participando de outros corres e outros juntas, de projetos com significado, tomando o partido de outros, conhecendo outros lugares de fala, ampliando nossos horizontes, usando nossa voz e nosso alcance pra amplificar as mensagens certas, formando e mantendo redes verdadeiramente sociais.

Na minha cidade tem um projeto de verdade que é posível apoiar, sem grande esforço. No meu bairro tem alguém com uma história de verdade, que adoraria saber o que eu sei. Na minha rua tem algumas vidas que eu poderia mudar com uma mensagem, um tweet, uma ligação. Entrar nesse modo talvez não seja fácil de início, mas uma vez que a gente chega lá é o melhor dos mundos. Pra quem chega e para os que conhecemos pelo caminho.

Porque é visível a diferença que é possível fazer, nas menores coisas. A indiferença é que é invisivel. Começar a espalhar o que juntamos, o que temos, o que sabemos fazer, os contatos capazes de fazer acontecer? Ou juntar os pedaços pra começar do zero aquilo que se costumava chamar de sociedade?

Marcello Barcelos
É fundador da Barça estratégia criativa e comunicação, e um dos parceiros idealizadores da agência Cria Brasil.

CONEXÃO PARAISÓPOLIS

Racismo climático: o que é isso?

Por Gideão Idelfonso

Crédito: Joel Rosa / Amazônia Real

Nos dias atuais é comum escutarmos sobre desastres ambientais... o ser humano como sendo maior responsável pelas emissões dos gases poluentes, agravando o aumento das temperaturas entre outros impactos que são acontecimentos negativos derivados do problema a nível local, nacional e mundial.

A grande questão ainda pouco difundida e discutida na sociedade é quem sofre mais com os efeitos das mudanças do clima? Evidentemente, não atinge igualmente toda a população.

O racismo climático, portanto, envolve injustiça racial e injustiça ambiental, a origem geográfica dos indivíduos e o povo presente nele corrobora para entender que não dá para ignorar o tema, devemos assim priorizar o bem estar das minorias... que na verdade são as maiorias afetadas.

Ao passo que basta ver nos noticiários quando o assunto são enchentes, a fome, chuvas fortes, aumento do nível do mar, deslizamentos de terra, seca extrema, a falta de saneamento básico adequado agravado pela ocupação desenfreada em terrenos irregulares, são manchetes destinadas ás favelas, aos quilombos, aos negros, aos povos indigenas e quando se observa com uma lupa o planejamento urbano... é notório a diferença gritante dos impactos.

As enchentes ou deslizamentos de terras não acontecem nos Jardins em São Paulo, Lago Sul em Brasília ou Leblon no Rio de Janeiro, que são ambientes harmoniosos urbanisticamente e esse é um argumento mais simples para entender as diferenças dos que sofrem.

A população privilegiada faz parte do problema, mas não das estatísticas de mortes causadas por esses acontecimentos citados.

O reconhecimento de atitudes individuais do sertão à periferia deve ser considerada, todos são responsáveis pela mudança, por outro lado o processo de silenciamento da raça, renda e gênero deve ser combatida e o jovem negro se fazer presente nas discussões, pesquisas e enfrentamento dentro da pauta climática, pois esse povo já atua nas soluções à nível local, pois se organizam para enfrentar o que sentem na pele.

As violações dos Direitos Humanos e o processo de decisão dentro de uma extrema vulnerabilidade social e ambiental expressa que às minorias não são parte do problema e sim da solução.

Gideão Idelfonso
Cria de Paraisópolis, bacharel em Lazer e Turismo pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP. Pesquisador com foco na periferia e sua dialética com o Lazer e Turismo.

Ano novo, problema velho!
Córrego Antonico, em Paraisópolis, continua sem canalização

Segundo a Prefeitura de São Paulo, o contrato para realização da obra está em processo de licitação e a previsão de início é no primeiro semestre de 2023

Por Talytha Cardoso

Francisco Diniz, líder comunitário de Paraisópolis
Crédito: Talytha Cardoso/Cria Brasil

Esgoto a céu aberto e um odor difícil de suportar. Essa é a descrição feita por quem passa pelo córrego Antonico, localizada em Paraisópolis, São Paulo. Para algumas pessoas, pode ser impossível pensar em viver em um cenário como esse, mas não é. Há décadas, famílias convivem com o problema que já foi tema de promessas de muitos políticos.

Aloísia Francisca dos Santos, 57 anos, acompanha há muito tempo o pedido de canalização do córrego. A aposentada passa todos os dias pela Rua Itajubaquara, para levar seu neto até a escola e vê a mesma cena: crianças, animais, moradores e transeuntes passando pela rua cheia de lixo, lama seca e poças d'água que ficam após as chuvas que alagam a travessia. Em dias de fortes chuvas, o Antonico chega a mais de 2 metros de altura.

"Ninguém conseguia passar em dias de chuva, tínhamos que passar pela Rua Pasquale Guallupi, para ir pro outro lado, era um sofrimento, ninguém nem entrava e nem saia, ficava dentro de casa orando para não acontecer algo pior", conta Aloísia.

A moradora, que há quase 30 anos vive em Paraisópolis, relata que a situação é antiga e que os moradores já solicitaram formalmente o pedido de canalização à Prefeitura por diversas vezes. Apesar de não morar mais na rua do córrego, sofre por ver seus vizinhos que ainda vivem essa situação e que, muitas vezes, precisam recomeçar após as chuvas que castigam a região todos os anos.

"Não compensava comprar móveis novos, a gente sempre saia no prejuízo. Por causa da chuva, o pessoal perde tudo e tem que recorrer à Prefeitura para pedir ajuda e doações de colchão e comida, é justo isso? Porque eles não dão um jeito logo e ajuda quem precisa?, desabafou Aloisia."

Crédito: Luis Maike/Cria Brasil

Promessas da atual gestão

Recentemente, a atual gestão informou que as obras estão previstas para o início de 2023. Francisco Diniz, que é morador da região, líder comunitário e atua há 16 anos junto ao Conselho Gestor de Urbanização de Paraisópolis, tem acompanhado de perto o caso. Desde 2006, ele supervisiona as solicitações feitas à Prefeitura e, segundo Diniz, o acidente que ocorreu em 16/10/21, que matou uma pessoa e deixou dezenas de famílias desabrigadas, acelerou o processo.

"Quando me encontrei com o Bruno Covas, disse que aquele trecho onde eu moro, no Caixa Baixa, ia morrer gente. Na época, foi desenhado um projeto para atender o trecho mais crítico do Antonico, mas a empresa indica se negou a fazer se não fosse toda a obra", contou Diniz.

O líder comunitário lembra ainda que as vítimas do Antonico não se restringem apenas as do acidente de 2021, já que há registros de muitas pessoas que morreram por contaminação de leptospirose e outras doenças infectocontagiosas em decorrência da falta de saneamento básico.

Em nota, a SIURB (Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e OBRAS) informou que o processo está em fase de licitação, e a previsão de início é para o primeiro semestre de 2023. "(...) para as obras de drenagem do Córrego Antonico já estão em andamento. A SIURB também está trabalhando na elaboração do material licitatório para contratação das obras. O edital será publicado já no início de 2023."

A SIURB também informou que para minimizar os impactos das chuvas, tem feito limpezas no córrego: "A Subprefeitura Butantã realiza a cada 3 meses, em épocas de chuvas, a limpeza do córrego Antonico e a cada 6 meses em época de seca. Durante a zeladoria, é feita a limpeza manual completa em toda a extensão do córrego, capinação, remoção de detritos e desobstrução. A última intervenção no local foi realizada em agosto deste ano."

Enquanto isso, os moradores do Antonico continuam à espera de uma solução permanente, torcendo para que dessa vez a canalização do córrego saia do papel e se torne realidade.

Luiz Inácio Lula da Silva assume a Presidência da República pela terceira vez

O novo comandante do país recebeu a faixa presidencial de representantes do povo brasileiro

Crédito: Foto: Tauan Alencar (Câmara dos Deputados).

Por Aline Almeida

O Luiz Inácio Lula da Silva (PT) assumiu seu terceiro mandato como presidente da República em 1º de janeiro de 2023. O ex-presidente, Jair Bolsonaro, derrotado democraticamente por Lula, não compareceu ao evento de posse que contou com 21 chefes de estado e de governo, segundo o Itamaraty, entre eles o rei da Espanha, os presidentes de Portugal, da Alemanha, Timor Leste, Guiné-Bissau, Angola, Honduras e os primeiros ministros de Marrocos, Mali e São Vicente e Granadinas.

Para a cerimônia de posse, Lula e seu vice, Geraldo Alckmin, ambos, com suas respectivas esposas, Janja e Lu Alckmin, fizeram o trajeto de 1,4 quilômetro em carro aberto com o tradicional Rolls-Royce presidencial, até o Congresso Nacional, onde foram recebidos por Arthur Lira (PP) presidente da Câmara e Rodrigo Pacheco (PSD), presidente do Senado. Lula aproveitou e fez seu primeiro discurso, afirmando que venceu as eleições graças à frente democrática que formou durante a campanha eleitoral, "foi a democracia a grande vitoriosa nessa eleição", disse.

Após serem empossados, seguiram rumo ao Palácio do Planalto onde é tradicionalmente feita a passagem da faixa presidencial. O momento da subida da rampa contou com um gesto inédito, onde um grupo de oito representantes do povo, escolhidos pela organização do evento, acompanharam o presidente e a primeira dama no percurso sendo responsáveis pela colocação da faixa presidencial em Lula. Essa foi a solução dada pelos organizadores, já que o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e o ex-vice-presidente Hamilton Mourão se recusarem a participar do evento de transferência de mandato.

Os oito cidadãos escolhidos para passar a faixa presidencial teve como objetivo mostrar a diversidade do povo brasileiro. Em seu segundo discurso já com a faixa, Lula disse que irá governar para todos, não só para os que votaram nele.

POLITICA

Saiba quem foram os representantes do povo brasileiro:

Aline Sousa: mulher negra de 33 anos, mãe de 7 filhos, atualmente e é estudante de direito. Aline é a 3ª geração de catadoras de materiais recicláveis em sua família, estando hoje como presidente da Central das Cooperativas de Trabalho de Catadores de Materiais Recicláveis do DF (Centcoope-DF).

Flávio Pereira: artesão, 50 anos, é natural de Pinhalão, (PR). Esteve na Vigília 'Lula Livre' nos últimos 580 dias ajudando nas atividades do cotidiano.

Francisco Carlos Nascimento: o menino negro de 10 anos mora em Itaquera, periferia de São Paulo, e é filho de uma assistente social e um advogado que atuam nas causas sociais.Em 2019, esteve em Curitiba para dar "Bom dia, presidente Lula" que estava preso na época. Francisco diz que também pode ser presidente. Em 2022, ficou em primeiro lugar no campeonato da Federação Aquática Paulista.

Ivan Baron: tem 24 anos, natural de Natal (RN) e é influenciador digital com cerca de 1 milhão de seguidores em suas redes sociais. Aos três anos teve meningite viral, doença que causou paralisia cerebral. Com seu trabalho, tornou- se referência na luta anticapacistista.

Jucimara Fausto dos Santos: a paraense de Palotina (PR), tem 45 anos e trabalha como cozinheira. Em uma das vigílias 'Lula Livre', participou de um concurso de culinária, onde recebeu o convite para fazer pães e atuou pelo período de dez meses. Hoje, Jucimara cozinha para a Associação dos Funcionários da Universidade Estadual de Maringá (PR), e sempre que consegue condições e tempo livre, faz pães para doação.

Murilo de Quadros Jesus: tem 28 anos, é formado em Letras Português e Inglês (UTFPR). Morador de Curitiba, Murilo atuou como professor de português como língua adicional na Universidad de La Sabana (Bogotá, Colômbia) entre 2016 e 2017 e foi bolsista Fulbright como professor de português na Bluefield College (West Virginia, EUA) entre 2021 e 2022.

Raoni Metuktire: líder indígena da etnia caiapó, o cacique tem 90 anos e é reconhecido como um dos principais representantes da luta pela preservação da floresta e dos povos amazônicos no mundo desde os anos 1990. Em 2019, um grupo de ambientalistas e antropólogos apresentou seu nome como candidato ao Prêmio Nobel da Paz de 2020 por sua defesa vitalícia da floresta.

Weslley Viesba Rodrigues Rocha: metalúrgico do ABC, tem 36 anos, e é formado em Educação Física com auxílio do Programa de Financiamento Estudantil (Fies). Nascido em Diadema (SP), também possui na sua formação os cursos técnicos profissionalizantes de Desenho Técnico, Matemática Aplicada, Eletricista e Comandos Elétricos, do Senai da Escola Livre para Formação Integral "Dona Lindu".

Além da tradicional cerimônia da posse, também aconteceu no Distrito Federal o "Festival Futuro", evento que contou com mais de 60 artistas em dois palcos que ganharam nomes de importantes artistas brasileiras que morreram recentemente, Elza Soares e Gal Costa, instalados na Esplanada dos Ministérios. O Festival foi dividido em dez shows que começaram às 10h de domingo (1º/01) e se estenderam até a madrugada da segunda-feira (2/01).

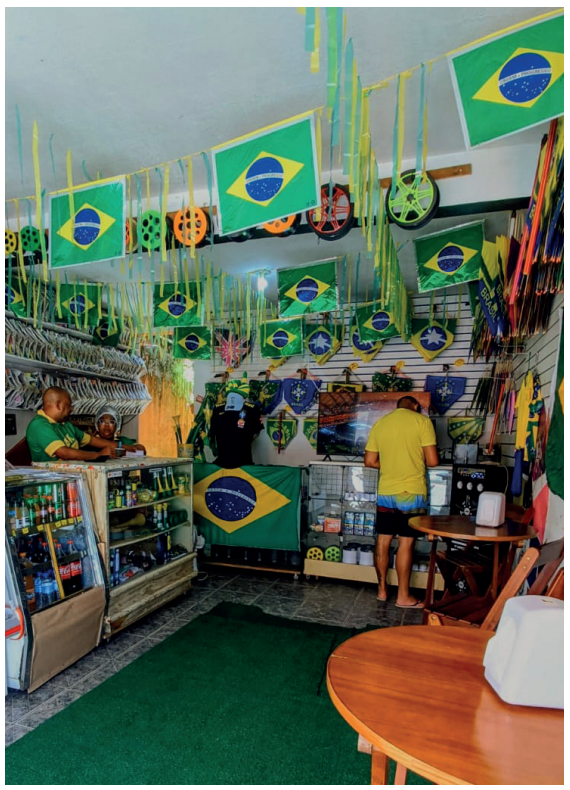
Crédito: Foto: ricardostuckert.

Grajaú é o distrito mais empreendedor, aponta estudo

Cerca de 3% de microempreendedores ativos estão na periferia mais populosa da cidade

Por Aline Almeida

Lu Recicla Alimentos
Crédito: Arquivo pessoal



Miltão Pipas
Crédito: Arquivo pessoal

De acordo com o Mapa da Desigualdade de 2022, pesquisa elaborada pela Rede Nossa São Paulo, cerca de 3% dos Microempreendedores Individuais (MEIs) ativos estão na região do Grajaú, o distrito mais populoso da cidade de São Paulo, com mais de 395 mil habitantes.

Luciana Aparecida dos Santos, 38 anos, moradora da região há três décadas, conta que começou a empreender após 11 anos fora do mercado de trabalho. Ela faz parte da Cooperativa de Trabalho e Coleta do Parque Cocaia e, depois de algum tempo atuando na cooperativa decidiu aproveitar o conhecimento que adquiriu com a necessidade de oferecer uma alimentação adequada para a sua filha, para criar uma microempresa do ramo alimentício, que trabalha com o conceito de aproveitamento total dos alimentos.

"A grana era curta, e a única alternativa foi utilizar cascas, sementes, talos, aproveitar os alimentos visando a questão nutricional e de impacto ambiental", conta Luciana fundadora da Lu Recicla Alimentos.

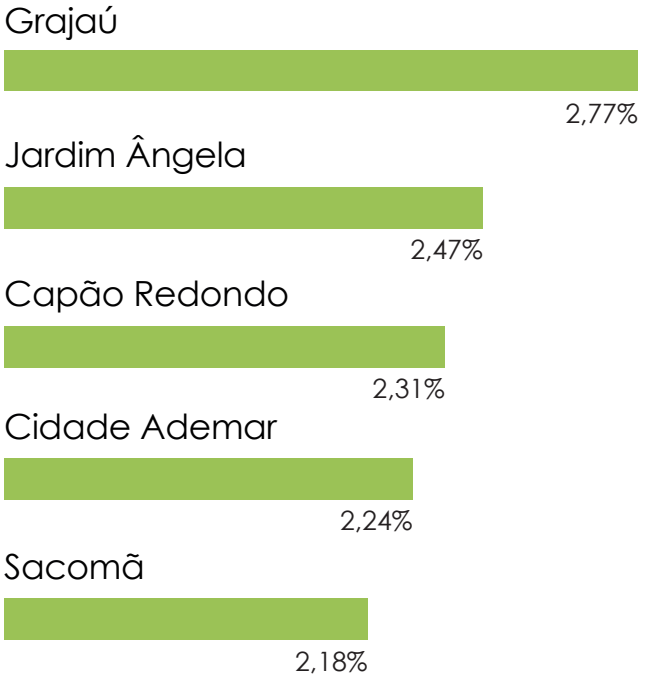
Apesar de muitas pessoas, principalmente moradores de periferias, se descobrirem micro empreendedores, é importante dizer que essa nem sempre é uma opção. Muitas vezes abrir o próprio negócio é uma questão de necessidade, já que conquistar um emprego formal nem sempre é para todos. Ainda de acordo com a Rede Nossa São Paulo, o Grajaú é um dos distritos com a menor oferta de emprego formal, fato que favorece o aparecimento dos pequenos negócios.

É o exemplo do Miltão Pipas, uma famosa loja de pipas fundada em 2014 por Hamilton Souza Silva, 51 anos, morador há 40 anos da região, que após perder seu emprego fixo resolveu abrir seu próprio negócio. Ele conta que empreender no Grajaú, local onde mora, é um facilitador. "O simples fato de você não passar de duas a quatro horas por dia no trânsito é imensurável, já é um ganho muito grande, não perder essas horas de vida é excelente." explica Hamilton.

Segundo a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Trabalho (SMDET) há um movimento de migração de projetos sociais para negócios sociais muito forte na região do Grajaú, em setores como moda, gastronomia, reciclagem, entre outros.

É o caso da Mariana Rosa, 27 anos, dona do salão Boombox, voltado para a estética negra da periferia. "Eu vejo que o empreendedorismo na periferia vem muito na urgência e na falta, às pessoas estão empreendendo como forma de sobrevivência", finaliza Mariana.

Confira os cinco distritos com maior percentual de microempreendedores de São Paulo:



Fonte: Mapa da Desigualdade 2022

BEM-ESTAR

Nunca sinta pena do diabo

Por Débora Pereira

Crédito: Freepik

"Nunca sinta pena do diabo." Essa frase foi dita pela minha saudosa mãe, quando eu ainda era uma aspirante à adolescência e eu nunca mais esqueci. Primeiro porque eu queria entender o que ela quis dizer com aquilo, segundo que, quem seria maluco para ter dó de um ser tão desprezível? Deixando de lado questões religiosas do que essa figura representa, vou me apegar ao arquétipo de como ele é retratado nos livros religiosos.

O diabo é popularmente dito como sendo um "ser das trevas", mau, monstro, mentiroso, coisa ruim, sujo, o que impede e descumpre as vontades divinas. Características negativas e que acreditamos que a tendência é desprezá-las. Então, como seria possível sentir dó diabo se tendemos a repeli-lo? Pois bem, lembrando da origem do diabo descrita nos mitos religiosos, o diabo, na verdade, era um anjo que vivia no céu, ao lado de Deus. E qual o arquétipo do anjo, descrito nesses mesmos mitos? Um ser puro, de luz, ilibado, inocente, bom, guardião, o que cumpre e obedece às vontades divinas.

Então, se a origem do diabo é na verdade angelical, pode ser que o diabo não seja visto como um ser das trevas. Quando a minha mãe disse essa frase, ela falava sobre alguém que estava "se fazendo de coitado", mas que já havia feito algo ruim para outra pessoa. Eu quis saber o motivo e ela me explicou que, quando o diabo apronta e é descoberto ele volta se fazendo de arrependido e com cara de coitado, para que sintamos pena dele e assim darmos uma nova chance a ele de entrar em nossas vidas.

Levei essa explicação para a vida, mas isso não me isentou de deixar o diabo voltar na minha vida, várias vezes. Isso porque, sem perceber, eu sentia dó do "ser das trevas", que voltava como o ser de luz. Como não percebia isso? Como a minha mãe disse, ele voltava com cara de arrependido, de boa pessoa, com ar de esperança de que tudo seria diferente e, era assim que eu o enxergava, mas era só cara, era só ar, era só papo.

Em qualquer tipo de relação é possível perceber o diabo se fazendo de coitado. Entre pais e filhos, irmãos, colegas de trabalho, amizades, relacionamentos afetivos e etc. Sabe aquela pessoa que faz algo para te prejudicar, mas que, quando descoberta parece que é tomada por uma fragilidade angelical e inocente, uma fala mansa e ou emocionada, com frases de arrependimento, de conforto, motivacional e de esperança, palavras vazias de que tudo será diferente daqui pra frente? Então, esse é o diabo de volta na sua vida, quando você menos esperar lá estará ele fazendo o que prometeu não fazer mais, mentindo, manipulando e chantageando emocionalmente.

A cada descoberta ou sinal de que a "ficha está caindo", surge o diabo chantagista emocional. O objetivo dele aqui, é conquistar a sua compaixão novamente e não reverter o mal que vem causando. É possível que, em alguns casos, exista o arrependimento real? Sim, sem dúvida, inclusive tratamento para que as vítimas e agressores aprendam a construir uma relação saudável, porém há uma mudança de postura que vem junto, e, também o ato de se responsabilizar por aquilo que fez, tomando a atitude de reparar esse erro, de forma efetiva e não apenas para reconquistar o que está prestes a perder, essa reparação não deve ter a ver com a volta da relação em si, mas sim por uma causa justa. E aí, quem ou o quê, está sendo o diabo na sua vida?

Débora Pereira
Psicóloga, psicoterapeuta, palestrante e desde 2021 atua como analista de RH no Emprega Comunidades de Paraisópolis.

OCAS, uma operação limpa

Por Renato Rosas

Crédito: Arquivo OCAS

O final de 2022, com a COP27, marcou o início da fase de estruturação burocrática do empreendedorismo de bionegócios sustentáveis e fomento da bioeconomia nas comunidades OCAS da Amazônia, onde, especificamente, existe a parceria do G10 Favelas na baixada do Jurunas.

A mais de uma década que a missão estratégica de entrar de forma endógena nas comunidades, praticando a arte junto dos detentores locais, para despertá-los ao empreendedorismo de bionegócio foram identificadas por profissionais ligados à preservação da biodiversidade amazônica, haja visto que a economia de ecossistemas Brasil apresenta um imenso capital natural, "o que inclui pelo menos 13% de todas as espécies mundiais (Lewinsohn, 2006), a maior área de florestas tropicais – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura – Food and Agriculture Organization (FAO, 2006), e aproximadamente 16% das águas doces do planeta (Tundisi, 2005), entre outros, o que gera bem-estar para as populações humanas em todas as escalas, desde local até globalmente".

As oportunidades empreendedoras com a participação de famílias das comunidades com modo de vida tradicional, ligados ao extrativismo, é bastante diversa e tem capacidade de atingir larga escala se for valorizada segundo o alto valor agregado e o baixo custo ambiental, a produção de alimentos orgânicos, o ecodesigner, as bebidas fermentadas (vinhos, destilados e probióticos), o biocombustível, embalagens 100% biodegradáveis, a cosmetologia, o ecoturismo e a inovação tecnológica em casa e construção sustentável que, de acordo com a Business Comissioner, consistem em 12 trilhões de oportunidades até 2030.

Dentre estas oportunidades podemos destacar o projeto "Beneficiamento do Coco" na comunidade remanescente quilombola "Vila Real" de agricultura familiar, que foi capacitada em 2020, durante a pandemia, para que pudesse sobreviver à fome e ao desemprego. A operação está baseada na colheita de centenas de frutos caídos no chão, o coco que é um fruto carnoso, de casca fibrosa, endocarpo duro, de semente esbranquiçada e suculenta. O beneficiamento utilizada todas essas partes do coco, para produzir ecoprodutos, leite do coco, óleo de coco que podem ganhar escala na alimentação e na indústria de cosméticos, juntamente com a compostagem para melhoramento do solo em hortas comunitárias e ecodesigner de bioembalagens para orquídeas com a fibra do coco tratada. No que diz respeito a nova ordem dos tratamentos de beleza, temos a saboaria artesanal vegana que tem escalado mais de 20 mil sabonetes de 25g/ano, abastecendo toda rede hoteleira da região, bem como pequenos comércio parceiros que valorizam a produção local. O beneficiamento é uma grande característica de projeto com mecanismo de desenvolvimento limpo, que atualmente foi estabelecido como uma flexibilização para que a redução das emissões de gases do efeito estufa, o qual entra no Hub de negócios do "crédito de carbono"os as negociações com multinacionais interessadas já vem se intensificando a algum tempo, ou seja, as emissões evitadas podem compensar as realizadas por empresas cuja operação poluem o meio ambiente.

O Protocolo de Kyoto, adotado em 1997 tem como objetivo diminuir a emissão de gases do efeito estufa, como o CO2. Atualmente, há algumas formas de investir em crédito de carbono: via tokens, fundos de investimentos e via Certificados de Operações Estruturadas (COEs), que estão disponíveis em algumas corretoras. Um dos tokens mais famosos é o Moss Carbon Credit (MCO2), que foi criado pela plataforma brasileira MOSS. O token tem seu lastro ligado aos créditos de carbono. Na prática, a criptomoeda entra nesse mercado ao tokenizar os créditos, permitindo que qualquer pessoa possa negociar os ativos e não só lucrar com ele, mas ajudar a incentivar estratégias que ajudem o meio ambiente, como é o caso do projeto "Beneficiamento do Coco". Graças a estas iniciativas empreendedoras como estas, o potencial de geração de receitas com crédito de carbono no Brasil, pode chegar a US$ 120 bilhões até 2030.

GASTRONOMIA

Para um doce e Feliz Novo Ano!

Por Mônica Faria

Olá, meninas e meninos! As festas de fim de ano passaram, mas a "comilança" ainda não acabou, não é mesmo? O que fica de lembrança dessa época tão especial?

Geralmente, fazemos a festa, reencontramos parentes que não vimos o ano todo, fazemos declarações de amor que também não fizemos o ano todo, fazemos a oração antes da ceia que, sequer, lembramos de fazer antes de dormir o ano todo, conversamos e recordamos situações que emocionam a todos, mas... Pergunta que não quer calar: como vamos seguir nos próximos 365 dias do ano que se inicia?

Que tal pensarmos que todos os dias são um novo ano? Afinal, renascemos todos os dias. Que a alegria, as boas vibrações e a solidariedade perpetuem. Que sejamos generosos, inclusive com nós mesmo. Que a vida seja mais leve e que busquemos nos olhos dos outros a nossa imagem, para que nos tratemos de forma mais suave e mais humana, tornado nossos dias mais doces.

Pensando em aproveitar tudo o que sobrou das festas deixo aqui uma receitinha para os primeiros dias desse novo ano. Lembra daquele panetone ou chocotone que ficou na caixa e você nem aguenta mais olhar para ele? Então, ele será minha "vítima"!

Sorvete de Panetone com calda de capuccino

Ingredientes:
1 panetone ou chocotone, não importa o tamanho
1/2 pote de sorvete *(gosto muito de fazer com sorvete de creme ou de chocolate)*.
2 xícaras de leite
1 xícara de açúcar
2 colheres de sopa de chocolate em pó *(prefiro aquele mais amargo)*
1 colher de chá de manteiga ou margarina para dar brilho.
2 colheres de chá de café solúvel (aquele da latinha) ou ainda meia xícarazinha de café bem forte
2 doses de uísque ou conhaque, ou alguma bebida de sua preferência. *Isso é opcional.*

Modo de fazer: Com cuidado, tire uma tampinha do panetone e reserve, você vai usar para cobrir. Com muita delicadeza, vá tirando o miolo do panetone, fazendo dele uma panelinha. Pique todo esse miolo e coloque em uma tigela. Pegue o sorvete e leve ao micro-ondas por 20 segundos ou deixe fora até que amoleça um bocadinho. Misture o sorvete no panetone picado para ficar tudo bem molhadinho e misturado. Regue a panelinha com a bebida que escolheu, ou não! Coloque a tampinha e leve para o congelador.

Para a calda:
Em uma leiteira, coloque o leite e o açúcar e deixe ferver. Junte o café solúvel, mexa e abaixe o fogo. Deixe reduzir até formar uma calda espessa.

Tire o Panetone do congelador 10 minutos antes de servir, cubra com a calda quente e...
Bom apetite!

Mônica Faria (Instagram: @monicafariabr)
Bailarina, produtora de eventos e chefe de cozinha. Atua em Paraisópolis há 11 anos desenvolvendo diversas atividades voltadas à gastronomia "Também é apresentadora do programa Comida de Favela na Tv +FavelaTv"

CRIA DE PERIFERIA

MODA DE QUEBRADA

Acesse o site e garanta a sua!

@CRIADEPERIFERIA

WWW.CRIADEPERIFERIA.COM.BR